



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)pensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Colaboração nas entrelinhas: do guia nativo ao mateiro - A importância dos conhecimentos tradicionais para a pesquisa científica na Amazônia

Autoria: Luis Felipe Costa e Silva (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

A produção de ciência com a colaboração do conhecimento nativo vem ocorrendo há séculos, de maneira discreta, porém constante, datando, em território amazônico, desde as primeiras expedições de que se tem registro. Esta presença ativa pode ser identificada, muitas vezes apenas nas entrelinhas, em diversos relatos dos diários de viajantes e cientistas que há séculos esquadrinham as florestas da Amazônia. As contribuições das culturas nativas de regiões distantes da Europa para o conhecimento científico adquirido ou construído, quase sempre têm sido desconsideradas pelos historiadores da ciência. A atenção destes é majoritariamente dirigida para as observações e teorias dos cientistas e acadêmicos, para suas formações, métodos de work e influências políticas e econômicas. Com frequência, as populações locais são descritas como iletradas e ignorantes, mas delas dependia, em boa medida, o êxito das expedições científicas. Neste work, estas



interações colaborativas, registradas nas entrelinhas e rodapés dos diversos relatos de viajantes e cientistas que se aventuraram pela região, são trazidas à análise e contextualização de acordo com os principais eventos históricos que vieram a constituir o "fazer ciência" na região amazônica. Três diferentes momentos fundamentais são assim distinguidos: 1) Antes mesmo das primeiras expedições científicas de fato, já se fazia notável a participação do brasileiro nativo, quase sempre índio ou mestiço, no processo de "desbravamento" da região Amazônica que permanecera, até então, virtualmente intocada pelo contato com os povos europeus, através dos relatos escritos por missionários, agentes religiosos que integravam as expedições que exploraram a região durante o século XXVII; 2) Mais tarde, o século XIX traz para a região diversas expedições de cunho científico, cujo intuito consistia na exploração e investigação dos recursos encontrados, abrangendo sua flora, fauna, população e ambiente físico. Motivados pelos avanços científicos da época, incluindo o surgimento das primeiras instituições de ensino e pesquisa no Brasil, diversos estudiosos, denominados "naturalistas", empreenderam suas viagens floresta adentro, contando com a colaboração da população nativa para que seu êxito fosse alcançado; 3) Em um terceiro momento, a partir da mudança de cenário sofrida pela região a partir do século XX, onde, no contexto da pesquisa científica realizada pelas diversas instituições então atuantes, destaca-se o fortalecimento e surgimento formal do agente social conhecido como "mateiro", integrante fundamental das equipes de pesquisa, que, a partir de então, constitui sua profissão e papel social a partir dos conhecimentos empíricos adquiridos através de sua experiência prática vivida junto ao ambiente natural.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: